

JOSÉ DE MESQUITA
(Da Academia Mato-grossense de Letras)

“ILHA DOS AMORES”

(Poesias)

Cuiabá
Revista da Academia Mato-grossense de Letras
Ano XIX — Tomos XXXV a XXXVIII
1950 — 1951

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Meu Passaro que fugiu

Tive-te em minhas mãos, qual tímida rolinha,
e minha foras, si eu soubesse mais ousar.
Mas, assim foi melhor... Si Houvesses sido minha,
não me houvera ficado o prazer de esperar...

A ventura na posse é tão breve, Amiguinha,
que o que tem já não tem, e é melhor desejar...
Por isso, Deus louvado! eu te deixei, azinha,
depois de estar na mão, para longe voar...

Bendita timidez! abençoado receio
que nos salvou do tédio e do enfado e nos trouxe,
até hoje, a viver desta ilusão em meio!

Podemos esperar! abençoemos a sorte:
— o amor que se perdeu, é toda a vida doce
e o amor que se gozou, amarga até a morte.

Paisagem Humana

Cada vez que da Serra os ares bons procuro,
é somente por ti que me conduzo e oriento,
porque neste velado e antigo sentimento,
ha muito vejo em ti o amor mais doce e puro.

Hoje que és minha toda e cresce, mais violento,
desta paixão febril o impulso alto e seguro,
compreendo que, em ti, tudo é deserto e escuro,
pois tu és, para mim à luz no céu nevoento.

A dolência da Serra é a mesma dos teus olhos,
a doçura deste ar se impregna nos refolhos
dos teus lábios gentis que, inebriado sorvi.

E por isso não ha parte alguma na terra
que valha para mim este canto de serra:
— a paisagem da serra humanizou-se em ti...

A beira da corrente

Neste recanto evocativo e prazenteiro,
volto a sentir o que sentimos noutra idade.
Vinte anos já se vão desse lindo janeiro
em que fomos um doutro, em plena mocidade...

O passado reflui aos meus olhos inteiro.
Faz-se presente, na mais viva realidade.
Sinto-o viver de novo o nosso amor fagueiro,
no milagre estupendo e único da Saudade.

O rio vai passando e voltar não o vemos.
Nós podemos, porem, subi-lo novamente,
e reviver, numa hora, os dias que vivemos.

Não é o mesmo o rio? Os mesmos já não somos?
Mas fiquemos um pouco à beira da corrente,
vamos ser, num momento, o mesmo que já fomos...

Cravo De Shangai

Vieste daquela mão, como tu perfumada,
setínea como tu, meu cravo cor de rosa,
e à hora em que recebi a dádiva adorada,
beije em ti a mão grácil e generosa.

Guardei-te com amor e, hoje, de madrugada,
ao buscar te rever, surpresa dolorosa!
acho a tua corola, inteira, desfolhada
e umas pétalas só presas à haste mimosa.

Mas o aroma ainda aspiro e sinto a macieza,
— é que o olor e a doçura herdaste todo dela,
simbolizando, assim, no aroma e na beleza,

este amor que floriu em nossa alma e que — ai!
não me permite ter - minha somente - aquela
flor humana, que és tu, meu Cravo de Shangai!

Força na Fraqueza

Duas vezes busquei, sedento, a cristalina fonte do teu amor e ambalas ma negaste. Quis colher-te botão, ainda abrochando na haste, e, após, flor já viçosa, olente e peregrina.

Mas, uma e outra vez, teu jardim me cerraste, sem me enganar, insidiosa e felina, para que não morresse a paixão repentina que no meu coração, chaga rubra, cavaste.

Hoje, de novo, vens com o teu todo venusto de fruta sazoadada e apetitosa e eu vendo esse encanto fatal de que me esquivo a custo,

eu, que tanto te quis, e a quem tão tarde queres, humilhado e feliz, aos teus pés já me rendo: — tanta é a força que tem, na fraqueza, as mulheres.

Fruta Passada

Muito tarde cheguei para a doce conquista do teu beijo de amor que, vinte anos, guardaste. Não importa, porem, que á minha alma idealista é como si te achasse o dia que me achaste.

A flor que, hoje, me dás, outro tempo entrevista, colho-a qual se a colhesse ainda abotoando na haste, e a pérola que se abre ao meu sonho de artista é tal como se a visse em virginal engaste.

Teu beijo tem, ainda, o sabor que teria se o houvesse colhido em plena adolescência, quatro lustros atrás, quando mal florescia.

E acho em ti todo o viço e olor da puberdade pois tens, fruta do outono, esse frescor e olência, de uma rosa colhida em plena mocidade.

Aluna primária

Podes colher do amor as emoções dispares,
as mais fortes, talvez, ou os as mais cariciosas,
Dos jardins de Afrodite as mais fragrantas rosas,
podes buscar, para com elas te coroares.

As vivas sensações que hoje, faminta, gozas,
roubando embora a paz e o bem de alheios lares,
— vela branca perdida entre revoltos mares,
que impelem da volúpia as auras caprichosas,

nunca mais, vivas tu embora cem, mil anos,
e consagres a vida inteira ao teu desejo,
e o satisfaças sempre, em gozos sobrehumanos,

te farão esquecer no céu, inferno ou terra,
quem descerrou teu lábio à musica do beijo,
quem te ensinou o Amor e tudo o que ele encerra.

Caçador de esmeraldas

De olhos negros, castanhos, de outras cores,
o mundo cheio, está, e até suponho
que já não soem provocar amores,
pois o comum se faz quase enfadonho.

Mas olhos como os teus, multicolores,
céu azul, verde mar, bosque risonho,
são sem iguais, são mesmo encantadores,
tem fluidos de poesias e de sonho...

Ora brilham, de um verde que alucina,
ora turbados de paixão fremente,
tem um fulgor de céus entre neblina,

e assim, minha paixão escaldas,
fazendo-me pensar que sou o ardente
Fernão Dias daquelas esmeraldas...

Si não fosse...

Numa quinta deserta. Em dezenove.
Nós dois. E mais ninguém, num banco, a sós.
A minha voz, tremula, se comove
e é comovida e treme a tua voz.

Por sobre nós, o orvalho, em pranto, chove.
Há um espasmo esquisito dentro de nós.
Nem uma folha em de redor se move.
E as mãos unimos numa angustia atroz...

— Si tu não fosses dela, meu serias?
Como ainda te escuto o doloroso
grito dalma, em pungentes agonias!

Parece que ainda agora tu me dizes...
si não fosses tão pura e eu tão medroso,
quem sabe? Assim nós fomos mais felizes...

Dia de neblina

Quanto tempo escondi meu sentimento,
e, ora, sinto não posso mais fazê-lo,
pois deste amor tal é o transbordamento,
que o coração não sabe mais contê-lo.

Amor, dedicação, desejo, zelo,
tudo o que no mais intimo acalento,
esta estranha ternura, sem modelo,
que se compraz no próprio sofrimento,

querer que tudo exige e pede pouco
que sabe que esperar é sua sina,
e aguarda com paciência e quasi louco,

tal é este amor, de sonho e de ansiedade,
igual aquele dia de neblina,
que sentimos viver nesta saudade...

Yara

Dos teus engodos flúidos não consigo
livrar-me. Ouço-te a voz, cada momento.
Numa doce impressão de encantamento,
ficaste, noite e dia, aqui comigo.

Dos teus olhares no lascivo acento,
entrevejo doçuras e perigo.
Quisera ser apenas “teu amigo”,
mas cresce em mim diverso sentimento...

E neste irresistível devaneio,
nesta ilusão maravilhosa e rara,
a que todo me entrego sem receio,

sou como o nadador que incautamente,
vai no arrastão, atrás da linda Yara,
largado o corpo, entregue na corrente...

Neve e fogo

A neve é menos alva que teu seio,
tem mais ouro que o sol os teus cabelos.
Por isso fico deslumbrado ao vê-los,
de frios tremo e em flamas me incendeio.

De que essência és tu feita? Donde veio,
de que estranho país de sol e gelos,
essa carne que toda freme em zelos
e esse torpor que nos teus olhos leio?

Eu que me cansei de amar, nesta agonia
em que vivi, de amor sempre trocando,
atrás de uma ilusão que me fugia,

sou forçado a te amar, meu doce Bem,
que, neve e fogo, fazes que te amando,
trema de amor e arda de amor também...

O original

Ter o teu retrato, assim, corpo inteiro, Querida,
é para mim, a um tempo, alegria e tortura.
Alegria, pois vejo o sol da minha vida,
que, mesmo assim de longe, aclara a noite escura;

mas tortura, também, tantálica e doída,
pois que em te vendo assim, suave creatura,
cópia viva do que és, mais sangrenta ferida
do desejo cruel o meu ser amargura...

Como eu quisera ter, aqui sempre ao meu lado,
dia e noite e poder beijá-los, como beijo
teu retrato, tua alma e teu corpo adorado!

Cansado de sonhar, eu aspiro o real,
e, no meu louco amor, o que ora mais desejo
é ter, em vez da cópia, o próprio original!

Remorso estranho

Quando me ponho a recordar, sozinho,
quantos amores despertei na vida,
e deixei, fruta à beira do caminho,
da árvore à mão e que não foi colhida,

punge-me o coração secreto espinho,
oculta angústia, mágua, dolorida,
de não ter compreendido esse caminho,
essa afeição tão tarde percebida.

E vem me então esse arrependimento,
remorso estranho de não ter pecado,
que é um singular e único sofrimento.

Dúvidas que à alma pungem e ensombrecem,
de amar as de quem fui tão pouco amado,
deixando as que talvez, mais me quisessem...

Saratoga

Ó que idéa essa tua, delicada
lembrança de um amor tão meigo e doce,
de por na carta, minha Bem-Amada,
o teu perfume, qual si uma ama fosse!

Mal a entreabri, suave, ele evolou-se
de tal jeito era a carta impregnada
que o ambiente, em roda, todo perfumou-se,
como um vidro de essência derramada...

Todo o nosso passado tão saudoso,
aqueles dias de sublime gozo
e o sonho que minha alma em ti resume,

e toda tu surgiste, toda inteira,
naquela evocação doce e fagueira,
corpo e alma, nessa onda de perfume...

Beijo entre lágrimas

Bebi, tua alma nesse beijo ardente,
orvalhado de lágrimas sinceras,
e preferi recuar, discretamente,
ao ver qual sou e vendo qual tu eras...

Não quero te iludir maldosamente,
e em teu seio semear lindas quimeras,
dar-te um inverno lúgubre e inclemente,
por uns dias de sóis e primaveras.

Ó com que dor eu sinto que ora devo,
por ser herói, fugir, não mais tentar-te,
já que a tentado ser não mais me atrevo...

Quero-te tanto e queres-me também:
por isso é que te fujo, pois, destarte,
ficas de mal... mas me querendo bem.